

Aydano Roriz

Rigoletto

ROMANCE



Rigoletto
Copyright © 2013 by Aydano Roriz
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PARA

Editora Europa
Rua MMDC, 121
São Paulo, SP
www.europamet.com.br



Autor Aydano Roriz
Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial – livros Mário Fittipaldi
Revisão Patrícia Zagni
Estrangeirismos – assessoria Paola Schmid
Edição de Arte Jeff Silva
Imagem de capa James Steidl, Shutterstock

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roriz, Aydano
Rigoletto : romance / Aydano Roriz. —
São Paulo: Editora Europa, 2013

ISBN 978-85-7960-177-4

1. Romance brasileiro I. Título.

13-08125

CDD-869.93


Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira 869.93

Atendimento ao Leitor Fabiana Lopes – fabiana@europamet.com.br
Livrarias, distribuidores e pontos alternativos Flávia Pinheiro – flaviapinheiro@europamet.com.br
Promoção Aida Lima – aida@europamet.com.br

Este livro foi produzido com papel proveniente de fontes renováveis

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com países
e instituições, empresas, marcas
ou pessoas, vivas ou mortas, é
mera coincidência.





Por se tratar de história passada a bordo de um transatlântico, envolvendo personagens de nacionalidades diferentes, para melhor caracterização, às vezes o autor se permitiu usar palavras e expressões em língua estrangeira. Em caso de dúvida, consulte, por favor, o Glossário ao final do livro.

1.

O comandante acordou ao toque de harpa do telefone. Piscou e abriu os olhos. Mecanicamente, olhou para o teto, onde apareciam projetadas a temperatura externa e a hora local. Seis e cinquenta e oito da manhã, trinta e nove graus Celsius. O telefone insistia. Atendeu. A conexão ruim fazia as palavras chegarem gaguejantes.

– Bo-bo-bo-bom-dia, que-que-que-ri-rido.

– *Shit!* – Praguejou.

– Que-que-que di-dis-disse vô-vô-você?

– Oi, amor. Desculpe. Nada, não. Desligue que eu telefono para você.

Mark cancelou a chamada. Recostando-se aos travesseiros, apertou a tecla de emergência. Teclou 00 31 e o número de casa. Ao segundo toque, a esposa atendeu.

– Querido – a voz agora chegava clara –, te acordei?

– Oi, amor.

– Eu te acordei, não foi?

– Acordou. Dois minutos antes da hora. Como estão as coisas por aí?

– Tudo bem. Como hoje é domingo de Pentecostes, as crianças vieram para o almoço. Há bem meia hora que o Franz não me dá sossego, querendo falar com o vovô.

– Ele está aí, então?

– E desde o Ano-Novo, parece que cresceu um palmo. Está a sua cara.

– A minha cara? Suponho que deva estar grisalho, com rugas na testa, papadas no pescoço, gosto de cabo de guarda-chuva na boca e jeitão de poucos amigos.

Sorriram. Único neto, Franz contava seis anos. De tão compenetrado, parecia um rapazinho. Inteligente, genuinamente simpático e carinhoso, era a paixão dos avós. Pena que tivesse aquele pai. Mark não gostava do genro. O sujeito era músico, cheio de tatuagens, brinco na orelha, piercing no nariz. Magricela, branquelo e com aquele corte de cabelo à moicano... Parecia uma catatua.

Não conseguia imaginar como Betje fora se apaixonar por um tipo daquele. Uma menina tão bonita... Sempre tão estudiosa... Tão responsável... Começara como estagiária e agora já era coordenadora, ou algo assim, na sede do Banco Central Europeu, em Frankfurt. Por certo era ela quem sustentava a casa. Se é que ganhava alguma coisa com aquela música idiota, o Catatua deveria gastar tudo em marijuana. Ao menos, tinha o olhar baço e distante de quem vivia dopado.

– E onde você está? – quis saber a esposa.

– Ainda no Atlântico Sul. A caminho de casa. Tão logo chegue a Gênova, peço demissão e voo para aí.

– Pare com essa história de pedir demissão – repreendeu brincando. – Que homem mais ranzinza...

– Com italianos não dá para trabalhar, amor. É bisonho. Esta empresa é tão assim, assim, que aluga banda num satélite russo, por ser mais barato. Para conseguir falar com você, estou usando o canal de emergência. Pelo canal normal, a sua voz me chegava cacarejante. Como um robô gago.

– Robô gago? Essa é muito boa. Mas olha, fala aqui com o Franz, ou ele vai acabar rasgando a minha saia, tanto que puxa e estica.

– Põe ele na linha. Mas quero falar com Betje também. Hei! Espera só um instante. A luz amarela está piscando. Preciso atender a outra ligação. Telefone depois.

Era da ponte de comando.

– Bom-dia, comandante. Desculpe incomodá-lo.

– Bom-dia, Axel. Eu já estava acordado. Qual é o problema?

– Temos outro morto – comunicou o imediato sueco, com o inconfundível sotaque e a frieza habitual.

– O quê? Diabos! Quem desta vez?

– Uma mulher. De meia-idade.

– Droga! Vou já me trocar. O chefe da segurança, o *hotel manager*, o médico... Estão cientes?

– Foi o chefe da segurança quem me avisou. Está vindo para a ponte. Quanto aos italianos, preferi esperar o que o comandante resolver.

– Ótimo. Alguém mais sabe?

– Afora o Jeffrey e nós dois, penso que só o faxineiro que encontrou o corpo.

– Então, manda vir essa pessoa também. Com o *hotel manager* e o médico, falaremos depois.

– Compreendido. Desligando.

Contra as normas da companhia, Mark voltou a usar o canal de emergência do Eurosat para telefonar para casa. Foi o netinho quem atendeu.

– Franz? Olá, meu rapaz. Como está você?

– *Mir geht es gut, Opa. Und der Herr Kapitän?*

– Fala em holandês, Franz – censurou. – O seu pai é alemão, você vive na Alemanha, mas a sua mãe é holandesa e você nasceu na Holanda. Fala em holandês.

– *Hopla!* Estou bem, vovô. E o senhor comandante? O que aconteceu aí? Vovó falou de luz amarela. Alarme?

– Não. Nada importante. Era só o meu imediato, o Axel. Você se lembra dele? Então... Era o Axel me convidando a tomar o desjejum de Pentecostes com o pessoal da ponte de comando.

– Aqui, nós já vamos almoçar.

– É, eu sei – certificou, calçando as meias. – Essa história de fuso horário é mesmo engraçada, não é? Mas faz o seguinte, Franz: sente-se no meu lugar à mesa, leia uma citação bonita sobre Pentecostes... Em holandês, por favor. Peça à vovó que ela mostre alguma na Bíblia. E como você está na escola? Está achando a primeira série difícil?

2.

O *Rigoletto* não era lá um grande navio, mas parecia um navio grande. Projetado na Finlândia e construído na China, ia contra a tendência de transatlânticos gigantes, largos, vazados no centro, recheados de atrações. Com 294 metros de comprimento e apenas 32 metros de largura, em seus 15 andares acomodava 1.270 cabines compactas para hóspedes, e possuía alojamento para mais de 800 tripulantes. Estreito, longo e de perfil elegante, fora especialmente planejado para impressionar passageiros de primeira viagem. Gente pouco abastada, que se deslumbrava com os jogos de espelhos, os reluzentes dourados e mármore sintéticos, as milhões de lâmpadas que mudavam de cor, o luxo falso.

O mesmo luxo falsificado que se podia observar na suíte do comandante. E era lá, no gabinete de trabalho contíguo, que o aguardavam o imediato sueco e o filipino chefe da segurança. Dois dos quatro homens da confiança de Mark.

– E então, Jeffrey, que história é essa de um segundo morto em dois dias?

– Em duas noites, meu senhor – falou o filipino, no seu inglês impecável. – O mais recente, em circunstâncias bastante desagradáveis.

- É o *cleaner* que encontrou o corpo?
- Está na antessala. Aguardando.
- Faça com que ele entre, por favor.

Baixinho, franzino, de feições algo caricatas, quase um gnomo, o balinês de idade indefinida adentrou o gabinete de olhos baixos, como se ingressasse num templo de Shiva para se consultar com algum homem santo. Dos mais de 800 tripulantes daquele navio, raríssimos haviam tido o privilégio de conhecer a ponte de comando e, menos ainda, o gabinete do comandante. Ah, quando ele contasse, ninguém acreditaria.

– Sente aí, meu caro – convidou Mark em tom amável, e continuou. – Diga lá: quando, onde e como encontrou o corpo? Vamos lá... Este não é um interrogatório ou sessão de reprimenda. Considere que está entre amigos. Conte tudo.

– Des-des-desculpe, senhor comandante. *I am really sorry for my bad English.*

– Não se preocupe. Eu também sou estrangeiro. Tenho cá as minhas dificuldades com o inglês. Mas, com tanta gente a bordo, de tão diferentes nacionalidades, é a única forma de nos entendermos. Diga lá. Em que setor você trabalha?

– Com licença – o homenzinho tímido se sentou na ponta da cadeira. – Trabalho na limpeza dos banheiros públicos masculinos, meu senhor, nos deques 12 ao 15 da popa. Nove banheiros. Preciso limpar de hora em hora. Alguns, a cada meia hora.

- E qual é o seu turno?
- Das 18 às 6 horas da manhã.
- Turno de doze horas! Não seriam oito?
- Faço o que o meu chefe manda – admitiu com humildade.
- É um trabalho difícil?

– Normalmente, não. O pior é só da meia-noite às cinco da manhã. Muitos bêbados. O senhor sabe... Muita sujeira.

– Entendo. Mas diga lá: quando, onde e como encontrou o corpo?

– Foi no banheiro de popa da piscina. Depois da meia-noite, nem é dos mais sujos. É apenas *noisy*.

– Barulhento?

– Gemidos e suspiros de gente fazendo... O senhor sabe.

– E foi lá que encontrou o corpo?

– Sim, meu senhor. Passei às 4 horas, e havia só dois boxes trancados, com gente gemendo. Fiz o meu serviço e saí. Voltei às cinco e só um deles continuava trancado. Silencioso, porém. Segui para o banheiro seguinte; mas, antes de suspender o trabalho, voltei ao de popa da piscina. O tal boxe continuava trancado. Resolvi me abaixar e olhar por baixo da fresta da portinhola. Vi duas pernas de mulher, com a calcinha enrodilhada nos pés. Mulher sozinha em banheiro masculino... Estranhei. Bati na porta. Não houve resposta. Voltei a bater. Silêncio total. Tomei a liberdade de entrar no reservado vizinho, subir no vaso e espiar por cima. Foi então que vi. Coisa feia, meu senhor. A pobre mulher sentada na latrina... desculpe... com o vestido arregaçado até a cintura, a cabeça caída e a boca cheia de papel higiênico – o gnomo intensificara a velocidade da explanação, e agora parecia uma metralhadora de palavras. – Tive vontade de arrombar a portinhola, mas fiquei receoso. Não quero problemas. O meu senhor sabe... Preciso muito desse emprego. Corri então ao telefone mais próximo e liguei para o *Safety Department*. Chamou uma, duas, lá pela quarta ou quinta vez, Mister Jeffrey atendeu. Conteí a história. Mister Jeffrey me pediu para ficar calmo. Fez com que eu repetisse novamente minha localização e pediu que o aguardasse ali mesmo, no hall do elevador. Quando o primeiro chegou, saíram umas

pessoas em traje de banho e conversando alegremente. Virei de costas e fiz de conta estar polindo o corrimão da escada. Com o plim-plim do segundo elevador, saiu uma linda jovem vestida em malha de ginástica. Sorriu para mim e falou qualquer coisa que não entendi. Só depois chegou o Mister Jeffrey. Mandou que o levasse até o tal lugar e ficasse à porta, para não deixar ninguém entrar. Depois, trancou o banheiro por fora e pendurou uma placa de *Out of order*. Determinou que o seguisse com naturalidade, mas sem abrir a boca. Descemos por um elevador de serviço e fomos para o deque 3. No gabinete dele fechou a porta, mandou que eu me sentasse, me serviu um chá quente e pediu para eu contar a história de novo. Conteí. Depois, Mister Jeffrey me trancou numa cela, mas falou que eu não estava preso. Era só por precaução. Que eu descansasse. Procurasse relaxar. Logo mais ele voltaria. Quem disse que eu consegui descansar ou relaxar? O meu senhor sabe... Preciso muito desse emprego. Há pouco, Mister Jeffrey apareceu e me trouxe aqui. O que vai ser de mim, senhor comandante?

– Calma, homem – tranquilizou-o Mark. – Se você não fez nada de errado...

– Errado? A única coisa que fiz de errado foi espiar de cima o boxe vizinho. Se isso for para a minha ficha... Se considerarem muito grave, serei desembarcado no próximo porto, sem direito à passagem de volta. E que terei de fazer, tão longe de casa?

– Calma, homem – interrompeu Mark. – Desculpe. Como é mesmo o seu nome?

– Putu, meu senhor – levantou timidamente a vista. – Sou o filho mais velho.

– *Okay*, Putu. Você deve estar com fome, não está?

– Depois disso tudo? Não estou não, meu senhor.

– Como queira. Precisamos ficar a sós um pouco. Aguarde aí na antessala. É coisa rápida. Logo o chamaremos.

3.

Tão logo o faxineiro saiu e Axel, que era o segundo na linha de comando, trancou a porta, o comandante dirigiu olhar interrogativo para o chefe da segurança. De pele azeitonada e cabelos lisos, tão negros que diziam ser tingido, o filipino, sessentão e franzino, ostentava com visível orgulho seu impecável uniforme branco de oficial.

– E então, Jeffrey, o que você pensa dessa história toda?

– Não creio que Putu tenha culpa, meu senhor. Acredito na versão dele. O pobre homem é balinês e hinduísta. E essa gente não costuma mentir.

– Também penso assim – completou Axel, o grandão escandinavo. – Só não vejo como o manter de boca fechada. Se essa história vaza...

– Não pode vazar – decretou Mark. – Você já retirou o corpo, Jeffrey?

– Perfeitamente, meu senhor. Agi sozinho e creio que não dei nas vistas.

– O que fez?

– Usei uma *T-shirt* de atendente da piscina e transportei o corpo num carrinho de toalhas, com as portas devidamente fechadas. Um tanto humilhante para a pobre senhora. Todavia, o

mais respeitosamente que consegui. O carrinho está agora no meu gabinete, aguardando o que o meu senhor decidir.

– Você já sabe de quem se trata?

– Não, mas não será difícil. É só repassar no sistema o arquivo de fotos dos passageiros, que fazemos ao ingressarem pela primeira vez no navio. Do morto de ontem, já encontrei. Puxei a ficha. Folheei o passaporte. Mas, antes, troquei o código da fechadura da cabine. Agora, nem os camareiros que encontraram o corpo conseguem entrar lá. Apenas o senhor ou eu.

– Ótimo. Como não recebi nenhuma queixa de desaparecimento, suponho que viajava sozinho.

– Sim. *Single*. Numa daquelas cabines externas com varanda, que chamam cá no *Rigoletto* de suíte júnior – zombou. – Ontem, à hora do jantar dos passageiros, estive lá verificando detalhes. Desagradável, isso de mexer em pertences de defunto. Fiz algumas anotações e fui dormir pensando a respeito. Tencionava tirar as minhas conclusões hoje. Pena que acordei às voltas com um novo óbito.

– Ossos do ofício, Jeffrey.

– Verdade, meu senhor. Porém, em mais de quarenta anos vivendo embarcado, nunca aconteceu isso comigo. Quando trabalhava em cargueiros, tive problemas com piratas da Somália. Com traficantes no Panamá. Ameaças terroristas que, felizmente, não deram em nada. Morrer um passageiro de vez em quando, acontece. Agora, dois, em dias seguidos, num mesmo cruzeiro... Estou preocupado, meu senhor.

– Eu também. Agora, quanto ao Putu... Que nome engraçado.

– Em Bali, todos os primeiros filhos recebem o nome de Putu, Wayan ou Gede. Os segundos, Madee, Kadek ou Nengah. Os terceiros, Nyoman ou Komang. E o quarto filho é sempre Ketut.

– E se forem cinco ou mais filhos?

– Aí, começa tudo de novo.

– Muito interessante. Vivendo e aprendendo... – gracejou Mark. – Mas... diga lá, Jeffrey: alguma ideia para manter Putu de bico fechado?

– O mesmo que fiz com os camareiros de ontem – o oficial friccionava seguidas vezes o dedo indicador no polegar. – Um dinheirinho extra. Promessa de folga no próximo porto. Recomendação para uma promoção... Essas coisas.

– Dinheiro, não – refutou Mark. – Não fica bem para mim.

– Verdade, meu senhor – admitiu o filipino. – Desculpe. Mas era o recurso que eu tinha à mão.

– Tudo bem, Jeffrey. Com o incidente de ontem não me preocupei muito. O doutor Giuseppe me adiantou que a provável *causa mortis* teria sido um acidente vascular cerebral.

– AVC com marcas de esperma nos lençóis?! Pode ser – ironizou o chefe da segurança, arremedando um sorriso. – Peço desculpas, mas não confio muito nesse doutor Giuseppe. Como bom italiano, me parece que o doutor quer mais é se livrar dos problemas. O mais fácil e rapidamente possível.

O comandante e o imediato esboçaram sorrisos. Não eram apenas eles, nascidos e criados no norte da Europa, que tinham dificuldade em lidar com a tripulação italiana. Aliás, Derek, o primeiro piloto, e Hans, o engenheiro-chefe da casa de máquinas, não cansavam de reclamar. O desbocado Hans até dizia: “Estão na merda há séculos e pensam carregar Júlio César na barriga”.

– Se servir de consolo – interveio Axel –, não fosse essa... peculiaridade dos italianos, não estaríamos aqui enchendo um pé-de-meia para a nossa aposentadoria.

– Concordo plenamente, senhor imediato – emendou o fili-

pino. – Pensando melhor, só tenho a agradecer aos italianos. E ao senhor, comandante, que me vai proporcionar uma aposentadoria dourada. Até lá, só me resta retribuir, fazendo o meu melhor.

– Bem – constrangeu-se um pouco Mark – quanto ao óbito de ontem, aguardemos o laudo médico definitivo. Estou realmente preocupado é com o incidente de hoje. Engolir papel higiênico? Muito estranho. Tudo me leva a suspeitar de crime.

– Foi o que me ocorreu – admitiu Jeffrey.

– A mim também – concordou Axel.

– De um jeito ou de outro, a notícia não pode vazar. Este navio viraria o caos. Seria a desmoralização da companhia, percebem? E a minha, que emprestei a cara para espalharem sabe-se lá por onde – sacudiu a mão. – Chamemos Putu de volta. Tentarei fazer o balinês compreender o comprometimento que espero dele, com quem lhe dá emprego. Partindo do comandante, à frente de duas testemunhas da patente dos senhores, talvez ele encare o compromisso de silêncio com a seriedade que o caso exige.

4.

Minutos depois de o balinês sair, o *hotel manager* entrou porta adentro do gabinete, sem se fazer anunciar.

– Avisaram-me que um *cleaner* meu, não credenciado – enfatizou –, estava na ponte de comando. *Caspita!* Posso saber o que ele estava fazendo aqui?

– *Buongiorno*, Francesco – cumprimentou Mark, forçando um sorriso. – Agora mesmo ia pedir que você viesse aqui. Sente-se. Temos problemas.

– *Ah, sì?* Grande novidade – ironizou.

A notícia de um possível assassinato a bordo fez o arrogante *hotel manager* transmutar-se em assalariado receoso de perder o emprego. Quarentão bem-apegoado, dele diziam ser um avestruz sexual. De garçonetes a recepcionistas, passando até por camareiras, poucas “carnes novas” conseguiam resistir ao charme do veneziano. Ou, quiçá, à tentação de intimidades com o *Signor Direttore* – como o chamavam. Francesco se orgulhava das suas conquistas. Mais ainda, do seu propalado diploma na HSMS, a afamada escola suíça de hotelaria. Nem por isso, conseguira fazer carreira em bons hotéis ou nas grandes companhias de cruzeiro. Por conta do donjuanismo, para se fazer respeitar

pelos subordinados, no mais das vezes agia como um sargento recalcado adestrando recrutas. Gritava, xingava, humilhava... Como resultado, colhia indisciplina, má qualidade de serviço, queixas de hóspedes, advertências... Demissões.

Nos últimos quinze anos, passara por oito empregos. Mau início. O que pesara na sua contratação para o *Rigoletto* fora a experiência que dizia ter do Brasil. De fato, havia sido gerente de hotel no Rio de Janeiro, diretor de resort na Bahia, cumprira três temporadas em diferentes cruzeiros. Não se cansava de apreciar as belezas daquele país tropical. Adorava a comida, as caipirinhas, a música e, mais que tudo, as mulatas brasileiras. E agora estava ele ali, como *hotel manager* de um novo navio, retornando à Itália ao final da temporada, com dois hóspedes mortos, em meio à discussão das providências a tomar.

– *Macché!* Não faça isso, comandante – falou enfim. – Talvez eu não tenha a experiência do senhor, *però conosco il Brasile* melhor do que qualquer um aqui. O país é um paraíso, mas só na África vi funcionários públicos mais corruptos.

– Corruptos? – estranhou o escandinavo Axel. – Que os práticos cobram preços abusivos, que as taxas portuárias beiram o absurdo, que as leis exigem que ao menos um quarto de tripulação seja brasileira, eu sabia. Agora, corrupção...

– *Eccome!* Se nunca comentei é por ser assunto exclusivo da minha alçada. *Però*, em cada porto, da vigilância sanitária aos agentes alfandegários, eu preciso subornar de quatro a doze desses indivíduos. Uísque para uns, pacotes de cigarro para outros, e refeições grátis no self-service, que é onde eles veem mais fatura. Comem como uns porcos, bebem do bom e do melhor, enfiam os presentinhos nas mochilas... Só então carimbam o que têm de

carimbar, assinam o que têm de assinar. Ano passado, no porto de Santos, até deram sumiço a um contêiner inteiro de produtos para o *duty-free* do navio no qual eu trabalhava.

– Um contêiner inteiro – admirou-se o chefe da segurança do *Rigoletto*. – Sumido?

– Precisamente. Sumiu. E fui eu quem perdeu o emprego. Daí a minha insistência, comandante. Se o senhor comunicar os óbitos às autoridades brasileiras, nos farão atracar em algum porto. Depois, nos enfiarão numa máquina de moer paciência chamada burocracia, e seremos vítimas de chantagem. Das grandes.

– Não duvido, Francesco, mas veja a situação – ponderou Mark. – Por um lado, precisamos manter o sigilo público para preservar a companhia. Por outro, convenhamos: estamos em águas territoriais brasileiras, com dois brasileiros mortos a bordo. Não sou conhecedor de leis, mas sei que ocultação de cadáver é crime grave. Em toda parte.

– Deve ser. *Porca miseria!* – esbravejou, para logo em seguida emendar. – Se eu estivesse no lugar do senhor, sabe o que faria? Transferia o problema para Milão. Eles lá, que são patrões, que resolvam. Ou digam o que devemos fazer e assumam a responsabilidade.

– Não sou homem de fugir às responsabilidades – refutou Mark. – E nem de transferir problemas, Francesco. Sou pago para resolvê-los. Aliás, todos nós. E como este é um problema delicado e sou a mais alta patente a bordo, serei eu a decidir. Por ora, obrigado. Conto com a discrição de todos. Não esqueçam que essa história não pode vazar. De maneira alguma. Ouviu bem, Francesco? Ah, Jeffrey, me faça uma gentileza. Ao descer, peça ao doutor Giuseppe para me trazer o relatório médico do óbito de ontem. Quero ser eu a comunicá-lo do... incidente de hoje. E trocar ideias com o doutor a esse respeito. A sós.